

## **NOSSA (CORDIAL) REVOLUÇÃO: o legado dos desterrados em sua própria terra**

*Breno Mendes*  
Graduando em História - UFMG

**RESUMO:** Neste artigo o autor abordará algumas das principais categorias propostas por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, tais como, a “cordialidade” e a “nossa revolução”. Uma incursão na influência historicista da obra em análise desembocará na importância do lugar social de onde Sérgio Buarque redigiu *Raízes do Brasil* e na sua proposta de superação do passado. Por fim, será ensaiada uma articulação entre conceitos propostos por R. Koselleck e F. Nietzsche na escrita de Holanda.

**PALAVRAS-CHAVE:** historiografia brasileira, Sérgio Buarque de Holanda, cordialidade.

**ABSTRACT:** In this article the author will broach some of the main categories proposed by Sérgio Buarque de Holanda in *Raízes do Brasil*, such as the “warmth” and “our revolution”. A incursion in historicist influences in the analyzed title will lead to the importance of the social place from where Sérgio Buarque wrote *Raízes do Brasil* and your proposal of surpass the past. Eventually will be composed an articulation between concepts proposed by R. Koselleck and F. Nietzsche in the Holanda’s writing.

**KEY-WORDS:** brazilian historiography, Sérgio Buarque de Holanda, warmth.

### **Introdução**

O objetivo principal deste artigo é realizar uma discussão acerca da categoria “cordialidade” proposta por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. Para tanto, será feita uma substancial incursão na influência germânica historicista no pensamento de Holanda. Serão tangenciados também outros pontos como o lugar social do historiador, a proposta e anseio da “nossa revolução”, o caráter ensaístico da obra, a questão das raízes ibéricas e também a dos tipos ideais.

Começemos com uma breve biografia do autor. Sérgio Buarque de Holanda nasceu em São Paulo no ano de 1902. Seu pai foi professor de botânica na Escola de Farmácia e Odontologia deste mesmo estado. Sua formação acadêmica foi realizada na área do Direito, embora jamais tenha exercido a profissão (REIS, 2007: 115). Além de sua profunda erudição em Ciências Sociais, é relevante destacar também sua produção como crítico literário contribuindo para diversos periódicos e participando ainda que de modo indireto da Semana de Arte Moderna, quando publicou textos nas revistas Klaxon e Estética, sendo um dos membros fundadores desta última. Cerca de 60 anos depois seria um dos membros fundadores do Partido dos Trabalhadores, o PT (DIAS, 1986: 7). Em suas publicações nestes periódicos era recorrente a crítica ao bacharelismo, ao intelectualismo clássico, à obstinação pela forma que impediria o afloramento de uma cultura legitimamente nacional, cultura esta que deveria não mais partir de uma matriz européia adaptando-se ao contexto brasileiro, mas sim, tomar como base o nacional, e a partir deste realizar possíveis assimilações de outras culturas (A. FILHO, 1987: 34).

Se Gilberto Freyre teceu um reelogio da colonização tal qual um descobridor do Brasil, Sérgio Buarque assim como outros autores clássicos da historiografia brasileira, pretendeu lançar um olhar crítico sobre empresa colonial portuguesa, tal qual um redescobridor do Brasil, privilégio pretendido não apenas por historiadores, mas também por toda a geração modernista (REIS, 2007: 125).

Sérgio Buarque classificava *Raízes do Brasil* como um livro “complicado”, e não escondia sua predileção por outra obra *Visão do Paraíso*, a qual recomendava aos seus familiares à leitura, em detrimento do “complicado” ensaio em questão. Entretanto, era com *Raízes do Brasil* e não com *Visão do Paraíso* que o autor presenteava a cada um de seus netos (DUTRA, 2005: 9).

A primeira característica que gostaríamos de destacar na análise de *Raízes do Brasil* é seu caráter ensaístico. Na obra, a narrativa não se dá de forma cronológica ou linear, entre um parágrafo e outro os séculos avançam e retrocedem, passa-se da colônia à república sem escalas no império. Sua principal intenção não é discutir cronologias, datas, períodos históricos, mas a pertinência de uma idéia central, a saber, a permanência da herança ibérica. Seguindo a definição de um ensaio, Sérgio Buarque realiza uma prosa livre que versa sobre um tema específico, sem esgotá-lo, mas com profundidade. Paulo Arantes explanou bem sobre os ensaios histórico-sociológicos publicados na década de 1930 dentre os quais *Raízes do Brasil* pode ser incluído, ensaios onde:

---

[...] se esquadrinha, sínteses são tentadas, são procuradas explicações de nossa cultura, sempre no terreno sincrético e predileto do 'ponto de vista' não especializado, um gênero misto, construído na confluência da criação literária e da pesquisa científica, forma original de investigação e descoberta no Brasil (ARANTES, 1992: 21).

Segundo Fernando Henrique Cardoso, *Raízes do Brasil* é uma espécie de pintura em miniatura que encanta mais por suas minúcias do que por sua extensão, ou quantidade de páginas (CARDOSO, 1993: 26).

Em 1935 Sérgio Buarque de Holanda publica na revista *Espelho* um artigo considerado como a pré-estréia de *Raízes*, intitulado *Corpo e Alma do Brasil. Ensaio de psicologia social*. Nele já estavam prefigurados os principais traços da obra, como a crítica às heranças ibéricas, e também a categoria do homem cordial<sup>1</sup>. Sua análise primou pelo estudo de aspectos da psicologia e história social do Brasil. Destaca-se a transição para um título que alude de modo mais incisivo a historicidade do argumento, apontando para uma origem, para as raízes: *Raízes do Brasil*.

A primeira edição de *Raízes do Brasil* foi publicada em 1936 pela Editora José Olympio. *Raízes* foi o primeiro volume da coleção *Documentos Brasileiros* à época coordenada por Gilberto Freyre, que inclusive escreveu um prefácio no qual mais esclarece o objetivo da coleção do que apresenta o livro. Apenas um parágrafo ressaltando os atributos intelectuais é dedicado a Sérgio Buarque de Holanda (ROCHA, 2008: 248). Segundo Freyre, com esta coleção buscava-se ampliar o público da literatura de conteúdo mais político e social, indo ao encontro do anseio do brasileiro culto pelas coisas do passado de seu país (MONTEIRO, 1999: 38). O público que já se mostrara receptivo à literatura regionalista de cunho social poderia se interessar por esforços de síntese histórica que estabelecesse ligações entre o passado colonial e o presente, que experimentava um impulso modernizador acelerado pela Revolução de 1930 (ROCHA, 2008: 251).

A obra não é marcada por um número elevado de notas de referências, embora elas existam e remetam a uma considerável, mas, não exaustiva pesquisa documental. Diversas referências foram sendo acrescentadas às edições posteriores a 1ª. Na edição de 1936 o tom é bem mais incisivo e categórico. De acordo com Evaldo Cabral de Mello entre 1936 e 1945 Sérgio abandona “o projeto de interpretação sociológica do passado brasileiro em favor de uma análise de cunho eminentemente histórico”, (MELLO, 1995: 189) dando maior ênfase, como um historiador, à pertinência da particularidade dos acontecimentos em detrimento das teorizações gerais dos sociólogos. Neste íterim, Sérgio Buarque executou

---

<sup>1</sup> Cf. *Corpo e Alma do Brasil. Ensaio de Psicologia Social*. In. (MONTEIRO e EUGÊNIO, 2008:583-600).

diversas incursões a bibliotecas e arquivos em diversas regiões do país e também do exterior, que resultaram em inúmeros cadernos de anotações (MONTEIRO, 1999: 208-9). Muitos destes encontram-se no Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp (Siarq – Unicamp), no Fundo Privado de Sérgio Buarque de Holanda<sup>2</sup>. A segunda edição data de 1947 e possui consideráveis modificações, sendo que algumas foram do ponto de vista estilístico e formal. O capítulo “O passado agrário” foi destrinchado em dois, chamados “Herança rural” e “O semeador e o ladrilhador” respectivamente. As notas de esclarecimento foram dispostas no pé-de-página. Na 3ª edição, publicada em 1955, Holanda, acatando a sugestões do editor, transfere todas as notas para o fim do livro, na seção “Notas” (HOLANDA, 1995: 27). Nesta edição também foi acrescentado o debate com as objeções de Cassiano Ricardo ao homem cordial, que serão discutidas mais adiante. Ao não se encontrarem no rodapé, mas no final do texto, as notas corroboram para uma leitura mais fluida do texto, além de sinalizar que o autor não se furta a historicizar os seus argumentos, quando julga necessário.

### **Historicismo, Sérgio Buarque e *Raízes do Brasil***

Passemos agora para uma discussão sobre o historicismo, para em seguida ensaiarmos uma articulação deste na redação de *Raízes do Brasil*, sendo que, utilizaremos a sugestão de Sandra Jatahy Pesavento da noção de palimpsesto<sup>3</sup> para essa apropriação buarqueana. Esta idéia nos será bastante útil, afinal, o próprio Sérgio Buarque de Holanda tecia críticas aos intelectuais brasileiros que apenas transportavam de maneira abstrata modelos interpretativos importados, mantendo-se alheios e indiferentes ao conjunto social do país (DIAS, 1998: 13).

É relevante lembrar que Sérgio Buarque esteve na Alemanha durante todo o ano de 1929, entrevistando intelectuais deste país, dentre os quais destacamos o escritor Thomas Mann. Durante este período tomou contato com o texto de autores de diversas tendências filosóficas e literárias<sup>4</sup>. Assistiu ainda a algumas aulas na Universidade de Berlim, inclusive

<sup>2</sup> Este acervo abriga notas que auxiliaram a concepção das obras *Monções e Caminhos e Fronteiras*.

<sup>3</sup> Palimpsesto é um manuscrito raspado por copista e polido a fim de possibilitar *uma nova escrita*. Na escrita de Sérgio isto seria uma espécie de inspiração intelectual, uma superposição de idéias que não é limitadora, mas possibilita novas abordagens, em suma, uma teia que remete a um complexo entrecruzamento de textos lidos pelo autor. Cf. (PESAVENTO, 2005).

<sup>4</sup> Para uma abordagem mais detida da importância da estadia de Sérgio Buarque na Alemanha para a escrita de *Raízes do Brasil* sugerimos duas obras. Para a relação com Max Weber consultar (MONTEIRO, 1999). Para a articulação com Wilhelm Dilthey, ver: (CARVALHO, 1997).

---

as de Friederich Meinecke, autor que desenvolveu importantes pesquisas sobre o conceito de historicismo (DIAS, 1986: 7).

Começemos nossa viagem germânica por Leopold von Ranke, uma das principais referências do pensamento historicista, que desenvolveu sua obra na segunda metade do século XIX. Sérgio Buarque de Holanda escreveu um substancial ensaio sobre este autor publicado inicialmente pela Revista de História em 1974 e posteriormente, em 1979 na introdução do volume sobre Ranke na coleção dos “Grandes Cientistas Sociais” (HOLANDA, 1979).

Historicismo é um conceito polissêmico e difuso. Com efeito, destacamos como um dos principais traços desta corrente de pensamento o seu antagonismo ao Iluminismo e sua proposta de que a Razão governa a História rumo à liberdade (HEGEL, 2001: 64). Para o historicismo não há uma idéia *a priori*, uma estabilidade inerente à natureza humana, nem um conceito universal de homem. O que interessa ao historiador são as mudanças pelas quais o homem passou, descontinuidades que vem a tona quando se leva em consideração a passagem do tempo, elemento indispensável à História. O historicismo relativiza, particulariza, historiciza todas as normas e valores de uma sociedade <sup>5</sup>, inclusive o conhecimento que é produzido sobre ela (CHAVES, 2008: 399). Segundo Sérgio Buarque, esta “*corrente de pensamento levava a uma reflexão individualizante e historizante, isto é, tendente a mover-se de acordo com o curso imprevisível da história*” (HOLANDA, 1979: 9).

O pensamento historicista também diverge do iluminista quanto ao estatuto do passado. Se para o racionalismo das Luzes, a partir do século XVIII, sobretudo com a Revolução Francesa, há uma ruptura do presente com o passado, para os historicistas o passado “persiste e influi na vida atual”. Aquilo que o homem é inclui seu passado, que de alguma forma ainda persiste no presente (REIS, 2006: 217).

Neste sentido, podemos estabelecer uma relação com a escrita de *Raízes do Brasil*, uma vez que, um dos fios condutores da obra, é o apontamento de forma crítica das permanências do passado ibérico no presente brasileiro, cujo principal indicador seria justamente a cordialidade, que, como apontaremos ao longo do texto, não é vista como uma essência *a priori*, metafísica, mas é historicizada e particularizada no tempo.

Logo no início de seu ensaio sobre Ranke, Sérgio Buarque sinaliza uma polêmica com o filósofo alemão Karl Popper em torno da categoria historicismo. Holanda afirma na

---

<sup>5</sup> Tal posicionamento levou o historicismo a ser acusado de relativismo ético, desprovido de valores e convicções. Alguns críticos apontavam que o vácuo decorrente do abandono de alguns “valores humanos fundamentais” poderia ser preenchido pela anuência à violência ou mesmo pela ideologia fascista. Cf. (HOLANDA, 1979: 10).

---

primeira nota de rodapé do texto que as formas “historismo” e “historicismo” foram intercambiáveis durante muito tempo, sendo que fora dos países de língua alemã prevaleceu a forma “historicismo”. Entretanto, Sérgio Buarque prefere utilizar ao longo de sua exposição a forma “historismo”. Justifica esta escolha em face da aplicação que Karl Popper e o racionalismo crítico anglo-americano fazem do historicismo às teorias que tem como proposta uma previsibilidade da história. Estariam incluídos neste grupo Hegel, Marx, Comte e Mill (HOLANDA, 1979: 8).

Abordando mais diretamente agora a figura de Ranke <sup>6</sup>, destacamos que apesar deste sofrer inúmeras críticas, como já indica o título do ensaio, Sérgio Buarque vê atualidade no pensamento rankeano. Ranke inseriu nos estudos históricos o sistema de seminários e primava pelo rigor na crítica documental que minoraria a subjetividade do pesquisador afim de que a História alcançasse seu estatuto científico. Além disto, também defendia uma separação estrita entre História e Filosofia. (Algo consoante ao “programa” da Escola dos *Annales*). O historiador não deveria filosofar nem colocar-se no lugar de juiz do passado. Quanto a isto, Sérgio Buarque sustenta que a polêmica expressão “tal como efetivamente sucedeu”, que Ranke empregara para sintetizar seu objetivo na escrita da história, não diz respeito a um apagamento total da do autor para que somente os fatos venham à tona. Na esteira de Marc Bloch, Sérgio Buarque defende que esta expressão é mais uma definição de que o ofício do historiador não consiste em ser juiz do passado, refere-se mais a probidade, do que a imparcialidade, esta sim cara aos juizes (BLOCH, 2001: 125). Holanda defende ainda que o pensamento de Ranke não apresenta um sentido teleológico para a História (sendo esta inclusive a razão da preferência pelo termo historismo, como foi dito acima), antes, prima pela descontinuidade histórica.

Esta interrupção da continuidade para matizar as particularidades nos parece um aspecto relevante quanto ao método de escrita de *Raízes do Brasil*, onde percebemos que “*um certo espírito de relativização, cuidando das particularidades e evitando as generalizações, parece pautar o trabalho*” (MONTEIRO, 1999: 145). Este método análogo ao historicismo está inserido num esforço de Sérgio Buarque em diferenciar-se de outras

---

<sup>6</sup> Gostaríamos de pontuar ainda que a abordagem que Holanda faz de Ranke foi arrojada, uma vez que, na época de publicação do referido artigo o autor alemão sofria críticas hostis tanto pelo lado da Escola dos *Annales* (que viam em Ranke uma espécie de crônica, uma narrativa evolutiva e cronológica sem nexos causais que explicassem o argumento de forma científica) quanto pelos historiadores vinculados ao marxismo. (estes o criticavam por ter uma postura reacionária, subserviente à legitimação do nacionalismo alemão, que eliminava da história os interesses sociais e as lutas de classe.). Cf. (PESAVENTO, 2005: 23).

---

obras que visavam pintar um retrato do Brasil, incorrendo, para tanto, na sedutora formulação de uma teoria geral esquecendo-se da importância dos instantes particulares.<sup>7</sup>

Dessa forma, afirmamos que o historicismo que pensamos estar articulado em *Raízes do Brasil* se afasta da definição de G. Scholtz no *Dicionário Histórico de Filosofia*, que via no historicismo uma forma de pesquisa “que pode tematizar tudo o que passou, sem se perguntar pelo seu sentido e pela sua relação com o presente” (CHAVES, 2008: 399). A posição de Holanda quanto à relação da escrita da história com o presente é fundamental para a análise da obra em questão e será destacada ao longo do presente texto.

Gostaríamos de enfatizar que embora tenhamos recorrido ao texto de Sérgio Buarque sobre Ranke escrito cerca de 40 anos após a publicação da primeira edição de *Raízes do Brasil*, não queremos afirmar que esta era exatamente a sua concepção de historicismo quando da escrita da obra em questão. Não descartamos também que tenha havido ao longo do tempo mudanças em sua concepção<sup>8</sup>, com efeito, julgamos ser esta uma articulação válida e elucidativa feita *a posteriori*.

Com efeito, a adesão de Sérgio Buarque ao historicismo da historiografia rankeana assim como a qualquer outra corrente teórica não é total, uma vez que são sublinhados seus aspectos inatuais. Um destes é a proeminência na obra do historiador alemão de grupos políticos e sociais privilegiados. Segundo o autor de *Raízes do Brasil*, é difícil negar completamente o historicismo, pois este é mais uma mentalidade, um modo de “ver e ser” do que um método ou escola (HOLANDA, 1979: 33-4).

### **Cordialidade, uma categoria polêmica.**

Após estes introdutórios apontamentos teóricos, os parágrafos subseqüentes enfocarão *Raízes do Brasil* de uma forma mais incisiva, bem como a categoria da cordialidade. José Carlos Reis sintetiza bem a intenção de Sérgio Buarque na publicação da obra. Segundo ele, através da análise das heranças ibéricas, Holanda constata que a tentativa de implantação da cultura européia a um território que era estranho a sua tradição fez com que ainda hoje sejamos “*desterrados em nossa própria terra*” (HOLANDA, 1995: 31) neoportugueses guiados por uma tradição que nos é alheia. Com os “novos tempos” (capítulo 6), nos quais a “nossa revolução” (capítulo 7) se origina, deveríamos nos tornar

---

<sup>7</sup> Sérgio Buarque de Holanda chega a imputar este recurso a Gilberto Freyre na escrita de *Sobrados e Mucambos*. Cf. (ROCHA, 2008).

<sup>8</sup> Este seria assunto inclusive para um novo estudo que cotejasse outras obras além da analisada no presente artigo.

---

então pós-portugueses, ou seja, brasileiros, superando assim o passado ibérico (REIS, 2007: 123)! Não é objetivo deste ensaio traçar um panorama de todos os sete capítulos de Raízes do Brasil, portanto nos permitiremos a liberdade de focar doravante o ponto fulcral da obra de Sérgio Buarque de Holanda e tema do presente texto: a cordialidade.

Quanto a isto, Holanda ressalta que a categoria cordialidade havia sido cunhada inicialmente por Ribeiro Couto e não deve ser confundida com bondade ou polidez. O homem cordial é aquele no qual o campo afetivo prevalece sobre a racional, o privado sobre o público, o familiar sobre o estatal. Tal comportamento torna-se um obstáculo, na medida em que o Estado não é uma extensão do ambiente familiar, havendo antes, uma descontinuidade e até uma oposição entre ambos (HOLANDA, 1995: 141). O homem cordial é também avesso a relações impessoais, a hierarquias e rituais. “*O ambiente doméstico acompanha o indivíduo mesmo quando este se situa fora dele. É quando o privado transborda para o público*” (A. FILHO, 1990: 6). Mesmo em situações marcadas pela impessoalidade como o mundo dos negócios, observa-se essa invasão dos laços de afetividade e de personalismo. Neste sentido, o autor recorre ao domínio da lingüística para exemplificar seu argumento apontando para a inclinação do brasileiro em empregar o sufixo “inho” às palavras e aos nomes próprios, numa tentativa de se familiarizar com os mesmos, aproximando-as do coração, tornando-as mais acessíveis. Ainda neste domínio, Sérgio Buarque aponta para a tendência à omissão do nome de família quando do tratamento social, havendo um predomínio do nome de batismo, numa tentativa de derrubar psicologicamente as barreiras à intimidade que o nome de diferentes famílias poderia erguer. Mesmo para conquistar um cliente é necessário fazer dele antes um amigo (HOLANDA, 1995: 148-9).

O homem cordial ao ocupar posições públicas não faz distinção entre o ambiente privado e o público. Este funcionário patrimonial é o oposto do burocrata proposto por Max Weber, e exerce sua função tendo em vista seus interesses particulares, sem priorizar o interesse coletivo dos cidadãos, algo que seria típico do Estado burocrático. A própria escolha dos que vão desempenhar as funções públicas tem como critério menos a capacidade do indivíduo do que a confiança pessoal que este inspira (HOLANDA, 1995: 145-6).

O emprego da categoria cordialidade suscitou um acalorado debate entre o poeta Cassiano Ricardo e Sérgio Buarque de Holanda. Em 1948 Cassiano publicou algumas objeções na revista Colégio sob o título *Variações sobre o Homem Cordial*. Neste texto, o autor sustenta que cordial não seria a melhor palavra para definir o homem brasileiro, sendo

---

mais afeita a fechos de cartas. Para Cassiano, cordial quer dizer “*muito mais polido do que homem de coração*” (RICARDO, 1963: 196). A bondade e não a cordialidade seria nossa contribuição ao mundo, crescendo-se a isso que o brasileiro saberia tirar proveito desta característica, numa certa “técnica de bondade”. Cassiano desenvolve uma “Teoria da bondade Natural” afirmando que a bondade brasileira teria nascido naturalmente, na terra recém descoberta, assim que recebemos os primeiros degredados (RICARDO, 1963: 197). Mesmo na conquista teríamos sido menos cruéis que os demais povos, sendo um dos primeiros países a abolir a pena de morte.

Na edição seguinte da mesma revista, Sérgio Buarque publicou uma “Carta a Cassiano Ricardo” com suas considerações acerca da polêmica. Um dos principais pivôs da discórdia entre os autores é a passagem na qual Holanda sustenta que a

Cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem assim da esfera do íntimo, do familiar, do privado (HOLANDA, 1995: 205).

Para Cassiano Ricardo era inadmissível a associação da inimizade à cordialidade, mesmo nos termos que destacou Sérgio Buarque, no sentido de proceder do coração, pois para aquele, ainda que haja conflito “Depois do entrevero, o vencedor chora no ombro do vencido” e o que caracteriza o brasileiro é sua ausência de capacidade para ser inimigo, sua vocação para a fraternidade (RICARDO, 1963: 208).

Com efeito, nesta carta, o autor de *Raízes do Brasil* afirma que não se “agarra com unhas e dentes” a expressão cordial e que a utilizou na falta de uma melhor. No entanto, diz não ter sido convencido pelas objeções de Cassiano Ricardo sobre uma maior pertinência do termo bondade e também da “técnica de bondade” que este propôs. Para demonstrar a pertinência de seu argumento, Sérgio Buarque recorreu à etimologia da palavra (HOLANDA, 1963: 212). Cordial deriva do sufixo latino *cordis*, isto é, coração, no sentido de sede dos sentimentos, e não apenas dos bons sentimentos, ressalta Sérgio Buarque. Holanda ainda destaca que não acredita na bondade natural dos brasileiros tal como o autor das “Variações sobre o homem cordial” propôs, e não pretende que estes sejam melhores ou piores do que outros povos.

Até mesmo aproximações entre a cordialidade e o conceito de bom selvagem de Rousseau foram empreendidas por alguns leitores, com efeito, Sérgio Buarque tratou de relativizar também esta interpretação. Ao analisar o homem cordial Holanda demonstra

como o passado permanece e invade o presente, impedindo a construção de um futuro novo, pós-português, autenticamente nacional, devendo, portanto, ser superado.

George Avelino Filho sublinha que estas características do homem cordial se constituem em um obstáculo para civilidade nos moldes weberianos, que consistiria em um processo de racionalização e impessoalização das relações humanas. A aversão a regras definidas e a hierarquias apresentada pelo homem cordial, bem como sua busca constante por intimidade com o interlocutor também não se encaixariam no processo civilizador discutido por Norbert Elias, uma vez que, tal processo, teria início justamente na contenção dos impulsos pessoais do indivíduo, na rejeição daquilo que o coração quer, e na normatização de hierarquias bem definidas, típicas da sociedade de corte (ELIAS, 1994). Estes traços da cordialidade são possíveis segundo Holanda em virtude de uma herança rural (capítulo 3), pois na fazenda as relações são regidas por critérios familiares, pessoais. Nesse sentido, a cordialidade também seria um estorvo à civilidade no modelo de Richard Sennet, que remove a civilidade da corte e a coloca no espaço urbano, onde as relações primariam pela artificialidade, o distanciamento entre os indivíduos no qual o ocultamento de suas reais intenções seria fundamental para que estes alcançassem seus objetivos (A. FILHO, 1990: 10).

Tanto Elias na sociedade de corte quanto Senett na cidade pontuam como condição fundamental para o surgimento da civilidade uma limitação do particularismo local, da intimidade, dos impulsos emocionais. Uma contenção destes impulsos levaria a formas artificiais de sociabilidade reconhecida por todos que constituem o espaço público. A civilidade seria importante na superação da cultura da personalidade e na criação de um espaço político mais abrangente (A. FILHO, 1990: 10).

Fernando Henrique Cardoso em seu célebre ensaio *Os livros que inventaram o Brasil*, sublinha que o homem cordial apresenta uma pulsão por reter os privilégios individuais, “*passando por cima inclusive de regras gerais se necessário*” (CARDOSO, 1993: 29). O culto ao personalismo poderia até desembocar na obediência cega a um líder carismático, que ao assumir o papel de pai, fatalmente iria ao encontro da inclinação cordial por intimidade, familiaridade. Tais qualidades, conclui Fernando Henrique, não seriam compatíveis com uma sociedade democrática, com a nítida separação entre o público e o privado, normatizada por regras de conduta claramente definidas, impessoais.

Para finalizar a questão sobre a cordialidade cabe ressaltar que Sérgio Buarque não a vê como uma essência, uma característica do caráter nacional que permanece a mesma ao longo da história. A cordialidade resultaria da materialização da cultura da personalidade

na colônia, “herança ibérica, ruralismo e cordialidade são coisas que andam juntas”. Neste sentido, podemos apontar um diálogo de Sérgio Buarque com Ranke, na medida em que, a cordialidade ao não ser vista como uma essência é historicizada, particularizada, ou seja, colocada no tempo, na história. O historicismo primava por destacar a mutabilidade das ações humanas no tempo, um movimento em constante devir. A esta mutabilidade estava atrelada a unicidade, cada evento possuiria uma historicidade única, irrepetível. Parece-nos então que a principal absorção da escrita rankeana em *Raízes do Brasil* é a aplicação da noção de cordialidade como um constante devir, que seria historicizada, particularizada em cada contexto (PESAVENTO, 2005).

A cordialidade é, sobretudo, uma ferramenta de análise, não pretende ser uma generalização impermeável, o que, segundo Monteiro, aproxima Holanda aos tipos ideais de Max Weber. No estabelecimento do tipo ideal não se busca a fixação de um caráter definitivo do ser social. Pelo contrário

A utilização do tipo ideal, neste caso, permite ao autor imprimir à sua interpretação um sentido de mobilidade e virtualidade, adequado à interpretação histórica. Permite, [...] revelar o campo conflitivo dos valores, pelos quais os indivíduos hão de guiar suas ações, adentrando mesmo o terreno da política. Já com as determinantes psicológicas fixas de um caráter nacional brasileiro, a análise do historiador se ossificaria, perdendo em profundidade e em adequação (MONTEIRO, 1999: 199).

### **Nossa revolução: rumo à relevância do lugar social**

Diante do que foi dito, problematizemos então a “Nossa revolução”, (capítulo 7) proposta e ansiada por Sérgio Buarque. Tal revolução teria se iniciado silenciosamente com a abolição da escravidão que ajudou a solapar o poder dos velhos proprietários rurais, e teve como outro acontecimento marcante a proclamação da república. O objetivo dessa revolução é revogar a velha ordem colonial e patriarcal, e também suas conseqüências morais, sociais e políticas. Com a nossa (lenta) revolução a cidade deixa de ser complemento do mundo rural para ganhar existência própria, e ser o centro das atenções. A lavoura deixa de ser um mundo fechado em si mesmo, auto-sustentável, para tornar-se apenas um meio de obtenção de riquezas, sendo que, alguns proprietários passaram a residir de forma permanente nas cidades. Este processo também abriria espaço para a emergência de camadas oprimidas da população.

O mundo urbano deveria caracterizar-se mais pelos direitos do que pelos privilégios, mais pelas regras gerais do que pela afetividade cordial. No entanto, segundo Sérgio Buarque, mesmo que na República a urbanização tenha sido contínua, essa revolução ainda não havia se concretizado, o que faria com que vivêssemos entre dois mundos, “*um definitivamente morto e outro que luta por vir à luz*” (HOLANDA, 1995: 180).

Neste último capítulo de *Raízes do Brasil* há uma oposição entre duas tríades: luso-brasileiro/domínio rural/agricultura x imigrante/cidade/indústria. De acordo com Antônio Candido, ao fazer alusão do fim da tradição colonial de raiz portuguesa, ferida de morte pela Abolição, Sérgio Buarque desloca o foco da análise para o Brasil de seu tempo, quando a urbanização dissolveria a herança rural (CANDIDO, 1998: 84). Posteriormente, discutiremos a importância central que a preocupação com o tempo presente teve na escrita de *Raízes do Brasil*.

Em “nossa revolução” as conclusões caminham rumo a uma crítica ao liberalismo, rejeitando tanto a solução fascista dos integralistas, quanto à dos comunistas (CANDIDO, 1998: 84). O autor em questão não aderiu nem ao otimismo nacionalista com sua crença triunfalista no progresso, nem às lamentações nostálgicas que concebiam o passado como uma realidade mais agradável e amena a qual se deveria retornar (MONTEIRO, 1999: 200).

Por fim, discutiremos um pouco sobre a importância do lugar social do historiador e também como isso se aplicaria na redação de *Raízes do Brasil*. Michel de Certeau em seu seminal texto *A operação historiográfica* explana bem a relevância do lugar de onde o historiador escreve:

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação (CERTEAU, 2006: 65).

De Certeau prossegue suas considerações acerca do que fabrica o historiador quando faz história, destacando que qualquer pesquisa histórica está inserida em um contexto, um lugar cultural, político e sócio-econômico. O autor francês conclui que o lugar de onde o historiador fala, é o que permite determinadas pesquisas e interdita outras. Da coleta documental à redação da obra, a prática historiográfica está fincada neste lugar social (CERTEAU, 2006: 74).

Aplicando tais considerações à obra de Sérgio Buarque, podemos concluir que a efervescência da Semana de Arte Moderna de 1922 e seu afã em redescobrir o Brasil, bem

---

como a Revolução de 1930 e as demais obras historiográficas, editadas nesta década que pensavam o problema do Brasil<sup>9</sup>, auxiliam a compreensão do lugar que tornou a pesquisa e publicação de *Raízes do Brasil* como algo não-interditado, ou seja, na esteira de De Certeau, sustentamos que o lugar social no qual Sérgio Buarque estava inserido tornou possível o empreendimento de uma pesquisa que tinha como cerne o problema nacional.

Aprofundemos então esta questão do lugar de onde Sérgio Buarque de Holanda escreve e de sua preocupação com o tempo presente, e até que ponto isto é identificável em sua obra. Para tanto, articularemos como referencial teórico autores como o já citado Fernando Henrique Cardoso, e ainda os alemães Friederich Nietzsche e Reinhart Koselleck. Segundo Candido, o que distingue *Raízes do Brasil* das demais tentativas de interpretação do Brasil da década de 1930 é justamente esta atenção dirigida ao presente, uma análise do passado brasileiro que deságua numa intervenção política de singular atualidade (CANDIDO, 1998: 84). Ao mesmo tempo em que é uma análise do passado é uma proposta de revolução, de transformação do presente.

Para Fernando Henrique a principal preocupação de Holanda na escrita de *Raízes do Brasil* era a instituição de uma verdadeira democracia no Brasil (CARDOSO, 1993), já que o próprio Sérgio Buarque afirmara que “*A democracia no Brasil nunca passou de um lamentável mal-entendido*” (HOLANDA, 1995: 160). Tal mal-entendido somente seria resolvido com a superação das raízes ibéricas. Indo além da análise de Fernando Henrique Cardoso, gostaríamos de destacar que o aceno de mudança, o início da nossa revolução está intrinsecamente ligado ao lugar de onde Sérgio Buarque de Holanda fala. Não é coincidência que os momentos de ruptura, sejam elas micro ou não, sejam exatamente aqueles momentos em que São Paulo está no centro da atenção do país. Seja no advento do bandeirismo, que é apontado como uma forma original de adaptação do colonizador às condições locais, seja a partir da abolição da escravidão e a ascensão do café como principal produto exportado pelo país. Sérgio Buarque chega a classificar o café como uma “planta democrática”! Também relacionado a isto está o processo de urbanização e a proclamação da república que com a política dos governadores confirmou definitivamente São Paulo como um centro de decisão política nacional. Não é de se surpreender também que a herança ibérica a ser superada tem seus momentos mais marcantes em períodos nos quais São Paulo não está em primeiro plano na política nacional.

---

<sup>9</sup> Quanto a isto lembramos a já mencionada fundação da coleção Documentos Brasileiros, da qual *Raízes do Brasil* foi o primeiro volume a ser publicado em 1936.

### **Desembaraçando-se das raízes ibéricas em favor do tempo presente**

Concluiremos este ensaio com uma tentativa de aproximação da noção proposta por Sérgio Buarque de superação das raízes ibéricas com o conceito nietzschiano de força plástica e também com as categorias desenvolvidas por Koselleck de espaço-de-experiência e horizonte-de-expectativa.

Reinhart Koselleck propôs duas categorias meta-históricas - espaço-de-experiência e horizonte-de-expectativa - que tem a fortuna de reunir tempo e espaço na mesma metáfora. Seu objetivo é uma mediação entre futuro e passado, um entrelaçamento intermediado pelo presente. A experiência seria então o passado atualizado no presente, quando eventos são reunidos, ganham inteligibilidade e tornam-se possíveis de serem lembrados. De modo análogo, a expectativa é o futuro-tornado-presente, um ainda-não amplo o suficiente para abarcar tanto os anseios quanto as inquietudes ou planejamentos. Cabe ao presente então a intermediação entre as duas categorias que jamais se recobrem, uma vez que são assimétricas. O presente não é visto como mero depósito de acontecimentos, mas seleciona, ressignifica e reconstrói criticamente cada passado, tendo em vista suas expectativas e convicções. Desta tensão assimétrica, mas não antinômica, segue-se que não é possível deduzir uma expectativa pelo simples exame de uma experiência, a relação entre ambas não é meramente determinista (KOSELLECK, 2006: 310).

Koselleck também afirma que até as últimas décadas do século XVIII a concepção de história preponderante era a de *historia magistra vitae* (história mestra da vida). Em linhas gerais tal concepção estava galgada na idéia de que o passado ofereceria lições ao presente, e elucidaria o futuro. Qualquer mudança na temporalidade histórica ocorreria em um ritmo tão lento que a percepção dos atores era de que nada havia de novo. Utilizando as categorias koselleckianas é possível afirmar que havia uma nítida correspondência entre o espaço-de-experiência e o horizonte-de-expectativa. Tal correspondência garantia o olhar para o passado em busca da exemplaridade.

Entretanto, após a Revolução Francesa observa-se uma ruptura com essas noções que passaram a ser relacionadas ao Antigo Regime que deixou de ser exemplo para o futuro para ser visto como expressão maior de atraso. A partir da Modernidade, e de sua inclinação para o novo, para o efêmero, um tempo em que tudo o que é sólido se desmancha no ar, (MARX, 1998: 14) houve uma negação do conceito de história *magistra vitae*. A relação entre espaço-de-experiência e horizonte-de-expectativa passou a ser conflituosa, observou-se então uma cisão entre as mesmas na busca do novo. Nesse

---

sentido, o espaço-de-experiência foi encurtado, chegou-se a pretender que ele desaparecesse completamente para que as expectativas estivessem liberadas do limite imposto pelo passado. Segundo Koselleck, na Modernidade a relação entre espaço-de-experiência e horizonte-de-expectativa passou a ser conflituosa, o crescimento de uma implicaria no encolhimento da outra. Quanto menos espaço se concedesse ao passado, mais o horizonte estaria aberto para novas perspectivas (KOSELLECK, 2006: 326).

Levando em conta que a experiência diz respeito à memória, à inteligibilidade conferida aos eventos passados, e a expectativa remete a um futuro-tornado-presente, que abarca tanto os anseios quanto as inquietudes ou planejamentos, sugerimos a articulação destes conceitos em *Raízes do Brasil* da seguinte forma: Se um espaço-de-experiência (passado ibérico) demasiadamente extenso tem limitado o horizonte-de-expectativa nacional, a proposta de Sérgio Buarque é justamente um encurtamento deste espaço, das raízes ibéricas, da cordialidade, (do transbordamento do privado para o público) para que um horizonte-de-expectativa autenticamente nacional se abra, um horizonte democrático e urbano, marcado pelas relações impessoais. Dessa forma, deixaríamos de ser desterrados em nossa própria terra. Não devemos nos esquecer que, como sustenta Koselleck, esta mediação entre espaço-de-experiência e horizonte-de-expectativa é realizada pelo presente, o que reforça o destaque não apenas do lugar no qual Holanda estava inserido quando da produção de sua obra, como também da importância que este confere ao presente na escrita da história, assim como na superação do passado colonial, ibérico.

Friederich Nietzsche em sua *Segunda consideração intempestiva* diz que não temos necessidade da história como um mimado passeante no jardim do saber, mas somente na medida em que esta sirva à vida, à ação (NIETZSCHE, 2003: 5). O filósofo do martelo tece pesadas críticas ao que ele chamou doença histórica, típica do século XIX, quando um excesso de passado intimidaria o homem do presente, impedindo que o mesmo expandisse sua vontade-de-potência e criasse novos valores para o futuro. Exaltava-se tanto os feitos do passado que o homem do presente não via espaço para sua própria intervenção, um tempo em que “os mortos enterram os vivos” (NIETZSCHE, 2003: 24).

Como antídoto à doença histórica, Nietzsche propõe o modo a-histórico de existir, um momento no qual o homem deveria viver momentaneamente fora da história, exercendo sua faculdade de esquecimento, vivendo eternamente cada presente, libertando-se do que passou. Um homem, um povo ou uma cultura que não possuísse a faculdade de esquecimento estaria condenando a não acreditar mais em seu próprio ser (NIETZSCHE, 2003: 9). Percebemos então uma proximidade entre Holanda e Nietzsche na crítica de um

---

excesso de passado (raízes ibéricas) que no caso de *Raízes do Brasil* é visto como um obstáculo ao afloramento de uma cultura legitimamente nacional. Entretanto, Sérgio Buarque de Holanda não propõe um esquecimento total das raízes, mas uma submissão dessas aos propósitos daquilo que chamou de “nossa revolução”. Algo similar ao que Nietzsche pretendeu com seu conceito de força plástica, que consistia na capacidade de submeter a história a serviço da vida, da ação, através de uma apropriação seletiva de alguns eventos do passado de tal forma que o horizonte-de-expectativa seja expandido, em favor da vida, do tempo presente. Pois, para Nietzsche, “o conhecimento do passado, em todas as épocas, só é desejado a serviço do futuro e do presente, não para o enfraquecimento do presente ou para o desenraizamento de um futuro vitalmente vigoroso” (NIETZSCHE, 2003: 32).

Analogamente, para Holanda, a lembrança do passado ibérico deve ser feita apenas na medida em que contribua para que o superemos, deixemos de ser neo-portugueses, “desterrados em nossa própria terra”, e nos tornemos enfim pós-portugueses<sup>10</sup>. “Somente a partir da força do presente tendes o direito de interpretar o passado. [...] Apenas aquele que constrói o futuro tem o direito de julgar o passado” (NIETZSCHE, 2003: 56-7).

A questão da superação do passado em favor do presente também pode ser encontrada em artigos de Sérgio Buarque escritos posteriormente a *Raízes do Brasil*. Em *O senso do passado* (publicado inicialmente no Diário Carioca em 1952) ele afirma não ser razoável que o historiador queira “ver e enaltecer o passado no presente”, muito menos tentar refazer o primeiro no último, sob pena de incorrer num mero pastiche. Aponta como uma das principais qualidades do historiador a faculdade de apreender a vida presente (HOLANDA, 2004: 103). Refere-se ainda a célebre fala de Henri Pirenne citada por Marc Bloch sobre a diferença entre o historiador e um antiquário. “Se eu fosse um antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida. Essa faculdade de apreensão do que é vivo, eis justamente, com efeito, a qualidade mestra do historiador” (BLOCH, 2001: 65-6).

No artigo *Apologia da História* (publicado a princípio no Folha da Manhã em 1950) Sérgio Buarque sustenta que este culto do passado não deixa de atingir países sem longo passado como o nosso. Pelo contrário, nestes parece haver uma propensão da parte de alguns para forjar um passado artificial, recheado de ilustres linhagens. Para nosso autor, a história é “uma disciplina, que se vem transformando, cada vez mais, de simples devaneio

---

<sup>10</sup> Este é apenas um dos caminhos de possível articulação das obras de Sérgio Buarque e Nietzsche. Para uma outra articulação que passa inclusive pela questão do historicismo indicamos (CHAVES, 2008).

---

*estético, ou exercício erudito, em questão vital para a época presente”* (HOLANDA, 2004: 107).

Esta convicção de que a História é uma questão vital para o tempo presente, nos parece ter sido uma das principais motivações para que Sérgio Buarque escrevesse *Raízes do Brasil*, sinalizando inclusive para o lugar social onde estava inserido, pois para este, assim como para Goethe<sup>11</sup>, “*Escrever história é um modo de desembaraçar-se do passado*” (GOETHE apud HOLANDA, 2004: 107).

### Referências bibliográficas

A. FILHO, George. As raízes de raízes do Brasil. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, nº18, p.33-41, 1987.

A. FILHO, George. Cordialidade e civilidade em raízes do Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo. Vol.5, nº 12, p.5-15, 1990.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimentos da dialética na experiência intelectual brasileira; dialética e dualidade segundo Antônio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Trad: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2001.

CANDIDO, Antônio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antônio. (org.) *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

CARDOSO, Fernando Henrique. Os livros que inventaram o Brasil. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, nº 37, p.21-35, 1993.

CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. O exagero na historiografia de Sérgio Buarque de Holanda In: MONTEIRO, Pedro Meira; e EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas: Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2008.

CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936. Tradição Cultura e Vida*. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 1997.

CHAVES, Ernani. O historicismo de Nietzsche, segundo Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; e EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas: Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2008.

DE CERTEAU, M. A operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. Trad: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.

---

<sup>11</sup> Sérgio Buarque escreveu dois artigos sobre uma tradução do *Fausto* de Goethe feita por Gustavo Barroso. Para uma análise mais alentada sobre a relação de Holanda com Goethe passando pelo prisma do romantismo ver (CARVALHO, 2008).

---

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Sérgio Buarque de Holanda, Historiador. In: *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática. 1986. (Coleção Os Grandes Cientistas Sociais. v.51).

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antônio. (org.) *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

DUTRA, Eliana. F. Prefácio. In: *Um historiador nas fronteiras*. O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda PESAVENTO, Sandra Jatayh. (org.) Editora UFMG. Belo Horizonte: 2005.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. 2 Volumes. Trad: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.1994.

HEGEL, Georg Wilhelm Friederich. *A Razão na História: Uma introdução à Filosofia da História*. Trad: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2001.

HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. (Cf. Apêndices: Variações sobre o Homem Cordial e Carta a Cassiano Ricardo). 4ª edição revista pelo autor. Brasília: Editora da UnB, 1963.

HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. 26ª edição. São Paulo: Companhia das Letras.. 1995.

HOLANDA, Sérgio B. O atual e o inatual em Leopold von Ranke. In: HOLANDA, Sérgio B. (org) *Ranke*. São Paulo: Ática, 1979.

HOLANDA, Sérgio B. Apologia da História. In. HOLANDA, Sérgio B.; COSTA, Marcos (orgs). *Para uma nova história*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

HOLANDA, Sérgio B. O senso do Passado. In: HOLANDA, Sérgio B.; COSTA, Marcos (orgs). *Para uma nova história*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço-de-experiência e horizonte-de-expectativa: Duas categorias históricas. In: *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Contraponto, 2006.

MARX, Karl e ENGELS, Friederich. *O Manifesto Comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MELLO, Evaldo Cabral de. Raízes do Brasil e depois. In. HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro*. Aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas: Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2008.

NIETZSCHE, Friederich. W. *Segunda Consideração Intempestiva*. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad: Marco Antônio Casanova Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.

NOSSA (CORDIAL) REVOLUÇÃO: o legado dos desterrados em sua própria terra – por Breno Mendes

---

REIS, José Carlos. *História & Teoria*. Historicismo. Modernidade. Temporalidade e Verdade. 3ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil 1*. De Varnhagen a FHC. 9ª edição ampliada. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

RICARDO, Cassiano. Variações sobre o homem cordial. In: HOLANDA, Sérgio, B. *Raízes do Brasil*. Cf. Apêndices. 4ª edição. Brasília: Editora da UnB, 1963.

ROCHA, João Cezar de Castro. O exílio como eixo: bem sucedidos e desterrados. In: MONTEIRO, Pedro Meira; e EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

PESAVENTO, Sandra. Jatahy. Cartografias do Tempo: palimpsestos na escrita da história. In: *Um historiador nas fronteiras*. O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

**Recebido em: 05/04/2010**

**Aprovado em: 21/04/2010**